

**“ESSE AI, É UM POBRE COITADO, SÓ ESTAVA COM UM COROTINHO DE PINGA  
NAS MÃOS E AGORA ESTÁ COM SANGUE EM SUAS ROUPAS!” FAZENDO-OS  
VIVER E DEIXANDO-OS MORRER: O RACISMO DE ESTADO DIANTE DOS POVOS  
INDÍGENAS NO MATO GROSSO DO SUL**

Andrei Domingos Fonseca (andreifonseca40@gmail.com)

Simone Becker (simonebk@yahoo.com.br)

A região de Mato Grosso do Sul é a segunda maior em termos de população demográfica indígena no país, congregando em seu “território” as principais “reservas” de confinamento. A maior delas no cenário nacional é a Reserva Indígena de Dourados (RID), cujas analogias com os campos de concentração são providenciais para que tenhamos a dimensão da situação de guerra cotidiana na região. Assim, frente a um processo incessante de dizimação que rima com a institucionalização do racismo de Estado - (redundâncias a parte) - é cada vez mais evidente, o quanto as deliberações estatais escolhem quem vive e quem morre. Para além destas condutas, vale destacar que minorias étnicas, sobretudo, dos povos indígenas, são alvos certos dessa propagação que recebe como resposta, em longo prazo ou imediatamente, a morte. Nessa perspectiva, os massacres genocidas e etnocidas ocorrem de forma velada, institucionalizada e surpreendentemente legalizada nos moldes e recortes da dita sociedade democrática de direito. Com interações sociais que inicialmente não eram, mas que acabaram tornando-se trabalho de campo foi possível identificar o quanto a emissão de documentos e todos os aparatos burocráticos por traz dessa tarefa, os fazem reféns do Estado, ainda mais quando inexplicavelmente uns desses documentos desaparecem. Outro fato, é quando um indígena é visto com uma garrafa de bebida alcoólica nas mãos, automaticamente pode ser enquadrado pela polícia, pois se deduz que ele fez ou foi cúmplice de um crime devido “ao seu perfil”. Ainda, como se não bastasse, irá apanhar até contar a dita “verdade” com o estigma de “vagabundo” por não ser trabalhador. Em síntese, no aprofundamento da ferramenta analítica do Racismo de Estado, aliada à metodologia da revisão bibliográfica e à etnografia “em aldeias também arquivos”, buscamos com esta pesquisa, trazer à tona as discriminações cotidianas vividas pelos indígenas em regiões do sul de Mato Grosso do Sul, em especial, em suas relações com o Estado, por ele propositadamente (retro)alimentadas.